

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tlp. «Vitória» — BARCELOS

Justiça a Portugal

Esbulhado do que lhe pertence!

Por A. DE FREITAS

NO Tribunal Internacional da Haia, a que Portugal, cónscio da razão que lhe assiste, não hesitou em recorrer, pedindo justiça, está a julgar-se uma causa como raras, raríssimas vezes terá sido levada a tal pretório. Esbulhado, pela força, dos seus territórios de Dadrá e Nagar Aveli, pertencentes ao distrito de Damão e encravados em território da União Indiana, Portugal reclama desta o direito de passagem para aqueles, a fim de poder, pelos meios que as leis internacionais em vigor lhe facultam, recuperar o que, violentamente, lhe foi extorquido. Como se sabe, a União Indiana enjeita a responsabilidade da extorsão, considerando que Dadrá e Nagar Aveli se libertaram a si mesmos, sem qualquer intervenção da força armada da União Indiana, o que provado está, à sociedade, ser falso. Nega-se, por isso, a consentir na passagem de tropas portuguesas que vão ocupar os territórios portugueses em questão, sofismando, assim, os acontecimentos e reduzindo-os a meros episódios de carácter local.

Para opor as suas razões sem razão às razões com razão de Portugal, a União Indiana contratou alguns dos mais afamados juristas ingleses, que o são, também, do Mundo, com os argumentos capciosos deles tentando deitar poeira aos olhos dos povos que seguem, porventura curiosos e interessados, os trâmites do invulgar julgamento. O representante oficial da União Indiana, que figura no importante processo da posição de arguida, não podendo ou não querendo atacar de frente a questão, tem-se limitado a usar e abusar do sistema dilatório, enfiando-se numa dialéctica manhosa acerca do modo por que Portugal apresentou a sua queixa ao Tribunal Internacional. Na opinião do procurador geral da União Indiana, o Tribunal Internacional não é competente para julgar tal questão, que tem carácter político e não jurídico. A essa manobra, já esperada, acrescenta o Sr. C. Setalvad a tática de negar a Portugal direitos sobre Dadrá e Nagar Aveli. Para tanto, indicou o número de habitantes, comparativamente, dos territórios portugueses e do conjunto da Índia, lembrou que a presença portuguesa, que data do século XVII, é o resultado do «terror para não empregar outra palavra», afirmou que a população desses territórios continuou e continua a manter estreitas relações com o resto da Índia, evocou a saída da Grã-Bretanha e da França das suas possessões e disse que os portugueses se recusam a reconhecer o direito desse povo à independência. Empregou, em suma, os consabidos argumentos de xri Jawaharlal Nehru, que Portugal, pela voz autorizada da sua diplomacia e pela palavra austera do Snr. Prof. Dr. António de Oliveira Salazar, não tem cessado de rebater e destruir.

(Continua na página 2)

Arcebispo Primaz

Partiu para Roma, na passada semana, acompanhado dos Rev.ºs Cónego Corucho e P.º Manuel Veloso, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz.

Desejamos ao Venerando Prelado uma viagem feliz e feliz regresso.

POR UM MUNDO RURAL MELHOR

Uma Campanha dos Organismos Agrários da Arquidiocese de Braga

Nota informativa para a imprensa e para a rádio

LANÇARAM o ano passado, os Organismos Agrários da Arquidiocese de Braga, uma Campanha de valorização e recristianização do povo rural minhoto, a que deram a designação de «Por Um Mundo Rural Melhor». A faceta sobre que incidiu o estudo feito em encontros regionais, reuniões paroquiais e ainda em reuniões com o clero e homilias feitas por este, foi a recristianização do trabalho agrícola. Foram distribuídos milhares de cartazes e aproveitados ao máximo outros meios de doutrinação e propaganda. A encerrar este primeiro ano de actividade, realizaram-se as Festas das Colheitas inteiramente revestidas dum sentimento exclusivamente católico.

Este ano o estudo e o apostolado incidirá sobre o tema: «A Família Rural».

Foi já feito um inquérito que revelou através das milhares de respostas colhidas, que nem a maioria dos pais nem dos filhos encara com seriedade devida o problema da família.

Chamando a atenção para o facto e no sentido de conhecer em pormenor a situação das diversas regiões, a Comissão Promotora da Campanha deslocou-se durante o mês de Setembro a várias regiões da Província, tendo contactado com centenas de dirigentes e dezenas de Assistentes de secção.

Todos foram unânimes em reconhecer a necessidade desta nova faceta da Campanha «Por Um Mundo Rural Melhor» e ficou-se com a impressão que será o máximo o rendimento das três reuniões de estudo sobre a família, que se vão realizar nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro, em cada secção paroquial.

Os temas das reuniões são: 1) — A Família — célula base da sociedade; 2) — A Família — sua instituição divina; 3) — A Família — viveiro de heróis e de santos e — com um livro e com os esquemas e questionários preparatórios, já fornecido a todas as secções e Assistentes.

Além do imprescindível auxílio informativo da imprensa e da rádio, será organizada na Arquidiocese uma equipa de sacerdotes e leigos que periodicamente e nos jornais regionais tratará de assuntos relacionados com os temas acima indicados, procurando doutrinar e esclarecer sobre os problemas mais candentes em cada região.

Este ano ainda, e com base na actividade no ano passado iniciada, continuarão a realizar-se as Festas das Colheitas que terão como programa — base —: Missa solenizada com ofertório solene no qual serão ofertadas, por todas as famílias da freguesia, as premissas

(Continua na página 2)

Novembro não vem longe...

Pelo P.º MANUEL MATOS

VI

As esperanças de Pio XI ... e XXV anos de «operoso zelo»

ou

Os problemas da Acção Católica em Braga

Todos sabemos que foi Sua Santidade, o Papa Pio XI, quem estruturou o movimento denominado «Acção Católica» dando oficialmente um lugar aos leigos na cristianização da Sociedade em colaboração com a Jerarquia.

Na Diocese de Braga, houve, ácerca de vinte anos, um entusiasmo eufórico pela Acção Católica.

Isso se deveu em grande parte à acção actual do Bispo

Coadjutor de Aveiro, D. Domingos da Apresentação Fernandes, quando concentrou na cidade de Braga mais de catorze mil rapazes e raparigas inscritas nesse salutar movimento.

O que foi em Braga no dia 16 de Junho, do ano de 1936, não é fácil descrever-se.

Perante tanto entusiasmo pareceu a toda a gente que existia na Diocese um movimento católico, fruto duma organização sólida e irremovível, capaz, por sua vez, de se aguentar diante da acção corrosiva do tempo e da influência deletéria dos defeitos humanos.

Mas... afinal... aquilo tudo era parra... não era uva, como organização.

Foi no ano de 1936 que o autor destas linhas concluiu o seu curso teológico. Logo após teve ensejo de apreciar

As Louças de Barcelos

II

Os nossos operários cerâmicos têm uma Organização perfeita, e os nossos «fabricantes», têm uma Desorganização... também perfeita.

AS Louças de Barcelos ocupam um lugar proeminente no conceito e estima de todos os barcelenses. Quando Barcelos precisa de amostrar os seus valores e as suas actividades, nunca esquece as suas ruidosas louças. Se recebe visitas, oferece-lhes Louças de Barcelos e lá vai com esses visitantes deabalada até aos centros cerâmísticos. Nas suas reportagens jornalísticas igualmente os nossos barros dão ensejo a devaneios e até a voos estratosféricos!

... E as Louças de Barcelos lá se vão espalhando por todo o País e por muitas terras estrangeiras, levando o nome de Barcelos por aí fora... Não deve haver mesmo nação civilizada onde o nome de Barcelos não tenha entrado já, levado pelas suas louças!

Mas as Louças de Barcelos corresponderão a este conceito, a esta consideração que lhe votamos? Dão, estas louças, uma boa nota da sua região? Da nossa civilização? Que conceito farão de Barcelos, as gentes que nos conhecem pelas nossas louças?

(Continua na página 3)

D. Francisco Maria da Silva

De passagem por esta cidade quis ter a amabilidade de nos honrar com uma visita Sua Excelência Rev.ª o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar de Braga. Registamos esta gentileza e agradecemos penhorados ao ilustre Prelado.

RECAUCHUTAGEM, RECHAPAGEM E VULCANIZAÇÃO

«Vulcanizadora Povoense»

Rechamam-se pneus de bicicletas e lambretas
— Rapidez, perfeição e economia —

AGENTE EM BARCELOS

João Dias de Sousa

Campo 5 de Outubro, 38-A

Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — As Snr.^{as} D. Maria da Conceição Gomes Pereira e D. Rosa Miranda de Andrade e os Snrs. Delfim Vinagre, Aires Azevedo e Manuel Augusto da Silva Pereira.

Amanhã — O menino António Carlos de Oliveira Pimenta.

Sábado — A Snr.^a D. Maria Eugénia Nery Teixeira, o Senhor Eurico António e Silva Dias Gomes e a menina Elisabeth Pontes de Albuquerque Faria.

Domingo — Os Snrs. Carlos da Silva Esteves e Manuel Francisco Cordeiro, a menina Maria Teresa Torres Matos e o menino João Hilário Faria Gonçalves.

Segunda-feira — A Senhora D. Almerinda Ferreira Lemos Corrêa e a menina Maria Teresa do Rego Fernandes.

Terça-feira — O Snr. Sebastião Rodrigues da Costa.

Quarta-feira — A Sr.^a D. Noémia Vieira Vasconcelos Santos e o Snr. José Pimenta do Vale.

POR UM MUNDO RURAL MELHOR

(Continuação da página 1)

dos frutos da terra — resultado do trabalho do lavrador e da bênção de Deus —, adoração ao SS. Sacramento, em acção de graças por todos os benefícios espirituais e materiais concedidos durante o ano, e uma pequena Sessão em que se falará sobre a Acção Católica, a recristianização do trabalho e preparação remota e próxima para a família.

Braga, 3 de Outubro de 1957.

A Comissão Promotora da Campanha

Farmácia de Serviço

No próximo domingo está de serviço permanente a farmácia «CENTRAL», na Rua Bom Jesus da Cruz.

Lâmpadas a 4\$00 NO Armazém Esteves

mais querem de nós? — devemos responder que procurem a perfeição cristã, pela obediência à Igreja. E é isto — salvo melhor opinião — o que se vê fazerem as secções da Acção Católica espalhadas pela Diocese.

Conclusão: o saneamento moral das freguesias é, mais, obra da bondade e do zelo dos sacerdotes do que dos leigos... aos quais, ordinariamente, falta o ascendente para o conseguir.

Ora, comparando o ambiente moral e religioso da Diocese de Braga com o de outras dioceses, S. Ex.^a Rev.^{ma} pode sentir-se satisfeito.

Braga ainda é a Primaz na Fé, não haja dúvidas. Negá-lo... é vê-la da Lua.

Justiça a Portugal esbulhado do que lhe pertence!

(Continuação da página 1)

É interessante verificar que, para o representante oficial da União Indiana, esta, absolutamente inocente daquilo que tem ocorrido nos territórios portugueses da Índia, é uma vítima de Portugal... O agressor, para o procurador geral da União Indiana, é Portugal. A Portugal compete retirar-se, pacificamente, de territórios que não lhe pertencem e que só indevidamente ocupou e ocupa. Todas as alegações do Sr. C. Setalvad são chorrilhos de absurdidades, que não mereciam que se perdesse tempo com eles se não houvessem sido levados perante um areópago tão respeitável como o da Haia. Negando a evidência dos factos, negando as próprias realidades históricas, negando tudo que não convenha à defesa da cavilosa causa indiana, o Sr. C. Setalvad esforçou-se, à clássica maneira oriental, por converter o direito em torto e o torto em direito, pelo que respeita às duas nações litigantes. Mais simples e mais curial teria sido para o representante oficial da União Indiana dizer que esta não consentia na passagem de tropas portuguesas através de território indiano para Dadrá e Nagar Aveli porque Dadrá e Nagar Aveli foram anexados à União Indiana e tinham deixado, por conseguinte, de pertencer ao Estado da Índia e a Portugal. Mas, como a explicação, se fada em termos tais, equivaleria a uma confissão de esbulho, e que à União Indiana não convém, de modo algum, fazer, sabendo, como sabe, que as nações de que precisa reconhecem a razão de Portugal, compraz-se na habitual dissimulação dos factos, enveredando pelos sinuosos caminhos da mistificação, que lhe são familiares, seja no caso da Índia portuguesa, seja no da Caxemira e dos demais territórios indostânicos de que se tem apoderado ou tenta apoderar-se...

A jurisprudência inglesa ao serviço da tese indiana esforça-se por demonstrar a improcedência da reclamação portuguesa. Importa acrescentar que os juriscultos ingleses desempenham o papel de qualquer advogado ao tomar conta duma causa, ainda que reconheça a injustiça desta. O Governo indiano pagou-lhes para que o defendam — e eles defendem-no, como podem e sabem. A Inglaterra, cujo ponto de vista oficial, como se sabe, é favorável à causa de Portugal, nada tem que ver com a atitude profissional dos juristas que intervêm, na Haia, a favor do Governo de Nova Delhi. De resto, com o decurso do julgamento, ver-se-á quem tem razão. Aguardemos, pois, serenamente, que o Tribunal Internacional da Haia se pronuncie acerca dum litígio que Portugal não provocou, limitando-se, ao abrigo dum direito imprescritível que a Justiça internacional lhe confere, a formular uma queixa e a apresentar uma reclamação contra o esbulho de que fora vítima e que todas as nações civilizadas, a Grã-Bretanha entre elas, verificaram, reconhecendo a justa causa por parte de Portugal.

Levado embora perante o foro da Haia, o grave litígio entre Portugal e a União Indiana é ainda susceptível de solução pacífica. Como Salazar disse, no seu memorável discurso de Março de 1956, «a terceira e única verdadeira solução do problema, na parte em que o problema pede ser resolvido entre dois Estados responsáveis, é uma negociação aberta sobre todos aqueles pontos em que a vizinhança e o contacto constituem riscos ou podem criar atritos ou dificuldades. O Governo português tem anunciado alguns; ao Governo da União podem interessar outros. E, sem outro pensamento recíproco que «viver e deixar viver», havia de ser possível encontrar fórmulas de pacífica, senão amigável convivência, pontos de convergência dos interesses, solução para divergências existentes ou possíveis. Creio que é só por este caminho que a União Indiana pode verdadeiramente engrandecer-se, consolidar-se e acreditar a sua apregoada política de paz». Isto disse Salazar, com o seu indiscutível bom senso de sempre. Isto poderemos dizer, convencidos de que ainda não foram destruídas todas as pontes e queimados todos os navios que levem à satisfatória solução do problema. Fale, pois, a voz de bom senso, que foi sempre a voz de Portugal.

Exames

No liceu de Sá de Miranda, de Braga, concluiu o 7.º ano o nosso amigo e conterrâneo Snr. Jorge Vieira de Sousa Basto, dispensado do exame de aptidão à Faculdade de Direito.

— No mesmo liceu, o nosso amigo e conterrâneo Snr. Joa-

quim Maria Roriz Pereira, também concluiu o 7.º ano com dispensa do exame de aptidão à Faculdade de Economia. Os nossos parabéns, aos inteligentes estudantes e às suas famílias.

Seja assinante do JORNAL DE BARCELOS

em pormenor as características da Acção Católica na Diocese.

Em muitas freguesias converteu-se em «grupos cénicos» que levavam ao palco as comédias da «Gata Borralheira» ou o Barbeiro de Sevilha...

E pensou-se que, atraindo aos espectáculos o povo das nossas freguesias para o divertir, se fazia Acção Católica e da melhor, da mais genuína.

E não estranhem esta mentalidade, porque houve alguém, que já está na terra da verdade, que concebia a Acção Católica no geito duma Cooperativa de Batatas...

E isto, apesar da nossa cultura, ou talvez uns três anos antes, ter aparecido a obra de Monsenhor Luís Civardi-Manual da Acção Católica — traduzida pelo meu muito estimado amigo, Snr. Dr. Aires Ferreira, actual digníssimo Chanceler da Cúria Arquiepiscopal.

Este Manual foi adquirido por todos os padres da Diocese... e tornou-se no catecismo oficial do movimento. Porém... a feição assumida logo no alvorecer, permitiu antever um estatelar ruidoso...

As células... e os círculos de estudo... faziam parte dum enigma inacessível à mentalidade pouco desenvolvida dos nossos meios rurais.

E até o clero, que aliás sentia viva admiração por Cardyn e tentava compreender e copiar os seus métodos de conquista, sentia incomensuráveis dificuldades de adaptação às características desta mortalidade de apostolado. Daí... ou de tudo isto, resultaram desânimos... fracassos de belas iniciativas... e muitas arrelias.

Mas o Papa insistia: a Acção Católica é um dever dos tempos presentes.

E em Braga, S. Ex.^a Rev.^{ma} fazia-se eco oficial da voz Pontifícia: a Acção Católica é um dever...

Fazendo um balanço ao tempo e às notas individuantes da Acção Católica na Diocese, talvez apeteça a muito boa gente dizer que ela ou estagnou ou até bateu em retirada.

Quero dizer: Aparte uma bem organizada burocracia da Acção Católica e a existência na Diocese de umas centenas de núcleos, com alguns milhares de filiados, há-de parecer a muitos que a Diocese não obedeceu às ordens do Papa nem do seu Arcebispo.

E não é bem assim. Barcelos, por exemplo, é um arceprestado onde a Acção Católica está florescentíssima.

Pelo que se lê neste jornal, na secção «A Poente da Franqueira» ela é tomada a sério... e muito bem.

Se quisermos, porém, dizer que a Acção Católica na Diocese não assumiu aquele tomo que era de presumir, também não faltamos à verdade.

Mas isso tem uma explicação... e é para a apresentar que escrevemos o presente artigo, pois ela talvez justifique uma aparente falta, se assim se pode dizer, na Actividade Apostólica de S. Ex.^a Rev.^{ma} — Motor Primeiro, — no conceito filosófico — desse movimento na Diocese.

A acção específica dum membro da Acção Católica, cá no Minho, é perfeitamente comparável à «acção» do Menino Jesus entre os Doutores da lei... Se Jesus pretendeu, com as perguntas e as respostas, convertê-los ao «cristianismo», tentando demonstrar-lhes que o Cristo anunciado pelos Profetas já veio... e que era Ele... quem se não convencerá de que perdeu o tempo e o feito?

Aqui, no Minho, todos se consideram «cristãos cristianíssimos...» e ordinariamente pretendem ver na acção católica «um cristianismo a mais» ou, se preferem, «um cristianismo pretensioso» isto é, «com pretensões a ensinar os doutores da Lei... que todos se julgam ser...».

Nos meios menos cristãos — onde tantos nascem e morrem sem baptizar, que não tiveram nunca aulas de catecismo... que não fizeram a sua primeira comunhão... enfim, nos meios onde Cristo é, até teóricamente, desconhecido... os cristãos, membros da Acção Católica, são «doutores da Lei... perante meninos...». Não assim, no Minho, onde todos, com mais ou menos convicção, podem perguntar: Cristãos somos... que mais querem de nós?

Quando leio na Revista diocesana «Acção Católica», ano 1932, n.º 8, página 451 estas palavras em referência à acção apostólica de S. Ex.^a Rev.^{ma} na Diocese de Bragança, (e-las): «Visitou quase todas as freguesias, sem exceptuar as de mais difícil acesso, deixando, por onde passava, questões resolvidas, escândalos sanados, uniões ilícitas convertidas em matrimónios, etc...» Apraz-me dizer que nós — o clero — temos em S. Ex.^a Rev.^{ma} o exemplo e a norma para cristianizarmos as nossas freguesias, pois é daquilo que umas ou outras mais carecem.

E à pergunta dos nossos fiéis — cristãos somos... que

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o Pais e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

A Peregrinação Internacional da J. O. C. a Roma

III

EM Roma, esperá-vos o Secretário da nossa Direcção-Geral que se havia antecipado uns dias para tratar de alojamentos, transportes, etc., indicando-nos os autocarros que nos aguardavam e que nos conduziram de seguida aos hotéis.

Aquela rápida passagem por algumas artérias da cidade-eterna teve um efeito electrizante sobre todos. O estado de depauperamento físico em que nos encontrávamos, desapareceu como que por encanto, e durante o resto do dia deambulamos por toda a cidade. É que, em cada praça, em cada rua, em cada esquina, os jocistas, oriundos de todos os continentes, saudavam-nos em fraternal e cadavrosa compreensão. Eram os garbosos austríacos e alemães, os holandeses e belgas, fresquinhos como alfaces — e fresquinhos eram os milhares — os dinâmicos franceses, os pernaltas ingleses, os de cor negra, os de feição oriental, os vizinhos espanhóis e os irmãos brasileiros!

Desapareceu o cansaço, voltamos à primeira forma, e eis-nos como peixe na água! Por toda a cidade de Roma recebíamos e dispensávamos cumprimentos, palavras e gestos amigos. Não eram necessários os emblemas para serem identificados os jocistas, pois a alegria que se estampava em cada rosto era o melhor cartão de apresentação.

Fizemos permuta de emblemas com os de outros países, todos queriam uma recordação e todos se despojavam mutuamente daquilo que pudessem recordar este memorável encontro mundial da família jocista. Umas dúzias de minúsculos galos de Barcelos que tivemos a lembrança de levar, sumiram-se das nossas mãos num ápice, e iriam milhares se os tivéssemos, para todos os recantos do mundo!

Não sabemos se foi impressão nossa — aliás impressão comum a todos os portugueses — mas a nossa representação gozava de especial estima junto de todos os estrangeiros. Quando surgia qualquer grupo, fosse de onde fosse, e respondíamos às suas palavras ou gestos de interrogação com o nosso «Portugal!», era o

assalto! Assediavam-nos, todos pronunciavam pelo menos uma palavra portuguesa: Fátima!, o que deveras nos sensibilizava; abraçavam-nos, soavam os hurras e rodeavam-nos de tais provas de estima que nos impressionou bastante.

Sentimos como nunca que a JOC é efectivamente uma família coesa em todo o mundo. Era como se todos nos conhecessemos desde há muito e nos juntássemos ali depois de forçada ausência. Foi sobretudo esta directa convivência e íntima compreensão, que calou fundo no espírito de todos os peregrinos e mesmo no povo de Roma como depois tivemos ocasião de apreciar.

No dia seguinte, depois de missa e comunhão geral, fomos recebidos na Embaixada portuguesa junto da Santa-Sé; houve troca de cumprimentos, o nosso Presidente-Geral agradeceu e em seguida foi-nos servido um copo de água nos jardins do Palácio, oferecido pelo Embaixador a toda a representação portuguesa. Sentimos a agradável sensação de respirar clima da nossa terra, onde falávamos e nos falavam daquilo que era Portugal. Só quem tem andado por países distantes saberá avaliar o quanto tem de agradável uma surpresa destas!

Nesse mesmo dia (sábado) da parte de tarde, continuamos a estabelecer contactos com jocistas de outros países, a fazer compras pela cidade e beber gelados em luta contra o calor tórrido de Roma.

A noite todos os países se reuniram, por grupos linguísticos, distribuídos pelas principais Igrejas de Roma, fazendo a sua Velada ao Santíssimo Sacramento. Conosco, reuniram-se os brasileiros na Igreja de St.ª Maria in Cosmedin onde oramos em comum pelos jocistas e jovens trabalhadores do mundo inteiro e pelas nossas famílias.

No final destas cerimónias, todos os peregrinos presentes em Roma se dirigiram em procissão de velas para o Coliseu onde teve lugar a Via-Sacra. Ali estavam mais de 30.000 jovens representando o mundo inteiro numa prece comum e na maior e mais sentida manifestação de fé que nossos olhos jamais viram.

STAND NECCHI

Aceitam-se encomendas para trabalhos em malhas na máquina de tricotar

FAMÍLIA

Também se executa «rolinho», guarnições, caseamento e acabamentos na máquina

SUPERNOVA

CINEMA

Hoje, às 21,30 horas, no Cine-Teatro Gil Vicente, o filme extraordinário de Fritz Lang:

GARDÉNIA AZUL

Um drama de mistério, violento e arrebatador.

Com Anne Baxter, Richard Conte e Ann Sothorn.

Para maiores de 17 anos.

No programa que é da SIF, sempre com bons complementos terá ainda o Jornal de actualidades mundiais.

— No próximo domingo, 13, às 15,30 e às 21,30 horas, o romance de um aventureiro e uma formosa rebelde:

AS ASAS DO GAVIÃO

Uma rapariga comanda uma revolta e desafia a morte a cada passo.

Com Van Heflin, Julia Adams e Abbe Lane.

No programa o Jornal de actualidades.

Também para maiores de 17 anos de idade.

Nascimentos

Num quarto particular do Hospital da Lapa, na pretérita sexta-feira, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso estimado amigo e conterrâneo Sr. Engenheiro Armindo Lúcio de Azevedo Miranda.

— Numa Casa de Saúde da cidade do Porto a esposa do nosso amigo e assinante Sr. Dr. Luís Manuel Fonseca de Carvalho deu à luz uma menina, a primogénita.

— Num quarto particular do Hospital da Misericórdia, a esposa do nosso amigo e assinante Sr. Francisco da Silva Serra, com felicidade, deu à luz um robusto menino.

Muitos parabéns.

As Louças de Barcelos

(Continuação da página 1)

Temos uma cerâmica de largas perspectivas e gostamos dela. Mas que temos feito por ela? Temos contribuído para o seu progresso ou para o seu descrédito e decadência?

Há quem defenda o gentilismo da nossa cerâmica, opondo-se firmemente à sua evolução, alegando a graça e ingenuidade das nossas louças. Não toleram alterações nem aperfeiçoamentos. Em contra-partida, outros, com sêde insaciável dum progresso sem lógica nem medida, concordam até com a cópia de estrangeirismos e defendem o plágio, dizendo que são habilidades... (Surripiar subtilmente a carteira do bolso a um distraído, também é uma habilidade)...

A nossa cerâmica, é muito nossa, com um tipismo e características inconfundíveis. Mas a verdade é que as nossas louças têm sido abastardadas e misturadas com tantas coisas alheias e de tal maneira, que a confusão nos avassala desastrosamente. Concordamos que a civilização não pára e o mundo evolui incessantemente. Concordamos que também nós não podemos parar nem deixar de evoluir (parar é morrer), mas evoluamos sem perder esse cunho, esse tipismo, essas características.

O nosso centro cerâmico é de tal maneira importante, que o Estado Corporativo criou aqui um Sindicato Distrital para os nossos cerâmicos, com sede na freguesia de S. Vicente de Areias. Estão, pois, os nossos operários, devidamente organizados e defendidos.

... É os Patrões? Que se tem feito por estes? Estão tão ricos e garantidos, que não necessitam de organização? Têm o seu Grémio em Lisboa, dir-me-ão! Mas, estão bem colocados, os nossos fabricantes, numa organização ao lado de Sacavém, Vista Alegre, etc.? A Direcção do Grémio poderá dispor de tempo para estudar as suas necessidades, as suas condições de vida? Já o faria alguma vez?

Barcelos possui uma indústria de cerâmica, e porque é sua, precisa de a auxiliar e defender, se não quiser que ela sucumba, mas para que ela singre cada vez melhor, para bem de Barcelos e dos barcelenses.

Continuaremos.

M.

Baptizados

Na Igreja Matriz, no passado dia 29 de Setembro, baptizou-se uma filhinha do nosso estimado amigo Sr. Dr. José Rodrigues Fernandes e de sua esposa Sr.ª D. Maria Fernanda Vasconcelos R. Fernandes.

Recebeu o nome de Maria Fernanda e serviram de padrinhos o Sr. Engenheiro Humberto de Carvalho, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Vila Real e a Sr.ª D. Maria Benedita Sanches de Carvalho.

— Sábado, na Igreja Matriz, também recebeu as águas lustrais do baptismo uma filhinha do nosso prezado amigo e assinante Sr. Aires Neiva de Oliveira e de sua esposa Sr.ª D. Irene Etelvina Miranda da Fonseca Oliveira.

Recebeu o nome de Maria Clara, foi celebrante o Rev. Dr. Sebastião Cruz, assistente da Faculdade de Direito da Universidade e serviram de padrinhos o Sr. Avelino Vieira, do Porto e esposa Senhora D. Maria de Lourdes Moreira Marques Neiva Vieira.

No final da cerimónia foi oferecido um jantar em que tomaram parte além dos pais e irmãos da neófita, o avô Sr. Fernando António Alves de Oliveira, os tios Srs. Dr. Joaquim Neiva de Oliveira e esposa, os padrinhos e os

Na nossa Redacção

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos, o nosso amigo e assinante Senhor João de Macedo, grande benemérito da freguesia de Areias-S. Vicente, terra da sua naturalidade, que se encontra entre nós vindo de Minas Gerais — Brasil, onde exerce a sua actividade profissional.

Agradecemos a gentileza.

—(—

P.º Firmino Ferreira da Silva

Conforme informações recebidas tomou posse, no pretérito domingo, da freguesia de Castelões—Famalicão, o nosso prezado assinante Rev. P.º Firmino Ferreira da Silva que durante onze anos foi pároco de Airó e Moure deste concelho.

Desejamos-lhe um apostolado fecundo na sua nova paróquia.

Revs. Dr. Sebastião Cruz, P.º Alfredo Martins da Rocha, P.º Cirilo de Figueiredo e P.º Alberto da Rocha Martins.

Proprietários e Automobilistas

No vosso próprio interesse, deveis consultar a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, pois é a firma que maiores garantias de competência e sigilo vos oferece.

- Hipotecas sobre propriedades em 24 horas e ao juro de lei.
- Hipotecas sobre automóveis em 1 hora e ao juro de 6%.

Ficará a lucrar consultando a **Empresa Predial Nortenha**

Colham Referências

No PORTO, nas s/ novas instalações da Praça D. João I, 25-1.º (Edif. Arranha-Céus) - Tel. 26706-30181-31058
Em LISBOA, filial na Praça da Alegria, 58 - Telef. 35313-366731-366812

Vida Desportiva

Da Administração

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Snrs.:

Até Dezembro de 1957

Joaquim Esteves, Seixas; Severino Arantes Lopes e Joaquim António Arantes Lopes, Várzea; Domingos da Costa Pereira, Sequiade; António Ribeiro da Costa, Armando de Azevedo e Sá e Manuel Gomes Azevedo e Sá, Monte de Fra-lães; António da Silva Capelo e Dr. Aparício da Costa Dias, St.ª Eulália; Avelino de Sousa Furtado, Gual; Manuel Alves da Silva, Vila F.-S. Martinho; Prof.ª D. Maria Olívia Vilaça, Campo; D. Amélia Albertina de Oliveira, Dr. Camilo de Araújo, Dr. Ilídio Nunes de Oliveira e Mário Correia da Silva, Viatodos; António da Silva Laranjeira, Moure; Manuel Araújo Ferreira, Cambezes; Casa do Povo e José Gomes Alves, St.ª Eugénia; Dr. João Pedro M. A. Rodrigues Camacho, Minhotões; P.º Manuel Joaquim de Sá, Lijó e Manuel Ferreira da Silva, Venezuela.

Até Setembro de 1957

Eduardo Jorge Rocha Leite, Barcelos; Joaquim Gomes de Miranda, Carreira; José Rodrigues, Moure; António da Silva Torres, St.ª Eulália e Manuel Moreira Maia, Minhotões.

Até Junho de 1957

Jessé Lima da Silva, Barcelinhos; Décio Arantes, St.ª Eugénia; P.º Manuel Vieira Campos, Carreira; Manuel Dias Gonçalves, Bastão-Santo Estêvão; P.º António Duarte Miranda, Fonte Coberta e José Gomes de Faria, Sequiade.

Até Dezembro de 1956

Casa do Povo, Martim; José Senra Simões, Remelhe e António Joaquim Marques da Costa, Lijó.

Do Brasil

Até Dezembro de 1960

João de Macedo.

Até Dezembro de 1959

Fernando de Macedo.

É com prazer que registamos o pagamento de mais estas assinaturas, verificando-se, assim, que uma boa parte dos nossos assinantes do BRASIL têm correspondido ao nosso apelo.

Aqueles que ainda não puzeram as suas assinaturas em dia, agradecemos a fineza de o fazerem, para boa regularidade dos nossos serviços, directamente à nossa Redacção ou ao nosso Agente em S. Paulo, Sr. Francisco Duarte - Praça da Sé, 297-1.º - Sala 126.

Visado pela Censura

Para Roma

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos de despedida, o nosso prezado amigo Sr. P.º José Adílio Barbosa Macedo, que partiu para Roma, onde vai frequentar o Pontifício Colégio Português.

Agradecemos, desejando-lhe boa viagem e felicidades.

—)(—

Exame de admissão

Ficou aprovada no exame de admissão à Escola Normal do Porto a menina Maria Alice Chaves Torres, simpática filha do nosso amigo e assinante Sr. Alvaro Fernandes Torres.

As nossas felicitações.

Agenda Médica

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 8398

FRANCISCO TORRES

Médico Consultório:
Rua D. António Barroso - Telef. 8377
Residência:
Av. Alcades de Faria - Telef. 8210

António Pedras

MÉDICO
Doenças de pulmões - Raios X
Consultas das 10 às 12 e das 15 às 17
Residência: Arcoselo - Telefone 8287
Av. dos Combatentes, 196 - Tel. 8456
Consultório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 70 - Tel. 8422

Dr. José António Torres

MÉDICO Consultório:
Rua D. António Barroso
Telefone 8377
Residência:
Av. Alcades de Faria
Telefone 8559

Camilo Ramos

Cirurgião-Dentista e Farmacêutico - Doenças da boca e dos dentes - Prótese Dentária
Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º
Residência: C. Camilo C. Branco, 82
Telefone 8321

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Estou completamente salvo

Para salvação de todos empresto dinheiro a todos

Só com FIGUEIREDO

TELEFONE 24195

SÓ FIGUEIREDO - EMPRESTA SEM MEDO - FIGUEIREDO

COMPRA VENDE E HIPOTECA PROPRIEDADES

Travessa dos Clérigos, 15-2.º - Tel. 24195 - PORTO

Campeonato Nacional da II Divisão

Na presente época, o Gil Vicente, ainda não teve o factor sorte do seu lado. Depois de ter perdido um precioso ponto, no seu campo, frente ao Espinho, no passado domingo, voltou a ceder um novo ponto ao Vila Real, ainda com mais pouca sorte.

Na jornada de domingo, com excepção do Vila Real que conseguiu empatar, todos os grupos visitantes perderam.

O Gil Vicente no próximo domingo desloca-se a Leixões. A tarefa do grupo barcelense nessa deslocação, normalmente difícil no actual momento reveste-se ainda de maiores dificuldades pela circunstância do clube de Matosinhos encontrar-se na posição de lanterna vermelha...

Futebol

Gil Vicente, 1 - Vila Real, 1

No domingo recebemos a visita do Vila Real que, na presente época, regressou à II Divisão.

O jogo que foi agradável de seguir teve a presença pouca assistência.

Na primeira parte o marcador não chegou a funcionar embora o grupo local tivesse sido superior.

No segundo tempo, o domínio do Gil Vicente foi total.

Aos 9 minutos Gelucho colocou o grupo barcelense na posição de vencedor mas, aos 20 minutos, numa fuga isolada, o grupo visitante conseguiu estabelecer a igualdade por culpa da defesa e em especial de Augusto.

O Gil Vicente no domínio cerrado que voltou a exercer teve várias ocasiões de se colocar em vencedor mas, umas vezes por precipitação dos seus dianteiros e outras por grande sorte do grupo visitante, não

conseguiu alterar o marcador...

O Vila Real que na primeira parte, cautelosamente, nunca decurou a defesa na segunda, podemos dizer que defender-se foi a sua única preocupação.

Realmente, muitas foram as ocasiões, em que todos os elementos do onze visitante defenderam a baliza à sua guarda...

Arbitrou com imparcialidade o Snr. Abel da Costa, do Porto.

O Gil Vicente, alinhou:

Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Canário e Vieira; Raul, Nolito, Gelucho, Marques e Nova.

*

Os outros resultados da Zona Norte, foram:

- Boavista - Tirsense, 4-0
- Sanjoanense - Leixões, 3-1
- Marinhense - Vianense, 3-1
- Covilhã - V. Guimarães, 5-1
- Chaves - Peniche, 6-3
- Espinho - Os Leões, 5-1

POR UM MUNDO RURAL MELHOR

«Preparação para a família»

Dentro do plano desta campanha lançada pelos Organismos Agrários da Acção Católica desta Arquidiocese, realizou-se em Vila F. S. Pedro no dia 29 de Setembro p. p. um dia de estudo. Estavam presentes de S. Pedro, 18 rapazes; de S. Martinho, 12; Abade do Neiva, 6; Perelhal, 3; Creixomil, 2; Vila Coiva, 2; além destes rapazes estavam presentes 15 homens de S. Pedro.

Esteve a assistir a todas as lições o Rev. Pároco de S. Martinho, bem como um Seminarista. As lições foram dadas pelo grande entusiasta da A. Católica, Sr. Gonçalves da Silva, Delegado Regional da L. A. C., de Ponte de Lima e pelos Delegados Regionais da J. A. C., de Abade do Neiva e Gilmonde. No fim deste dia de estudo deslocaram-se a Perelhal fazer uma reunião aos homens. Estavam presentes 45 homens, bem como o Rev. Pároco.

Nesta lição foi ventilado o que

Vulcão submarino

As violentas explosões do vulcão submarino dos Açores, seguidas de projecção de materiais incandescentes e espessas nuvens de fumo continuam a perturbar a tranquilidade dos habitantes das ilhas próximas.

x

Falta de espaço

À última hora, por falta de espaço, vimo-nos obrigados a retirar, para o próximo número, diverso original já composto.

é a Acção Católica e a sua necessidade numa freguesia.

Espera-se que dentro de dias se reunam, a fim de se organizar a L. A. C. Desde já os Delegados Regionais lhe oferecem toda a colaboração na organização da mesma e fazem votos ao céu para que se organize dentro em breve e que as freguesias circunvizinhas lhe sigam o exemplo.

J. da Silva Freitas

COMPANHIA DE SEGUROS BONANCA

FUNDADA EM 1808

SEGURO CONTRA O RISCO DE FOGO, incluindo o de RAIOS



A mais antiga do País

Campo 5 de Outubro, 16

Agente nesta cidade: *José Rodrigues Magalhães Pinheira*

Correio das Aldeias

Silveiros, 5

Festa de anos—No passado dia 26 do mês findo, festejou mais um aniversário natalício, o que registamos com vivo prazer, o nosso estimado amigo, Sr. Joaquim Miranda Campelo, importante industrial aqui e no Porto e activo presidente da Junta local. Por tal motivo e ainda porque o nosso illustre conterrâneo é, pelo seu trabalho e actividade que desenvolve nesta lo-



Joaquim Miranda Campelo

calidade, digno da maior admiração geral, *Jornal de Barcelos* apresenta-lhe as mais calorosas e efusivas saudações, com votos sinceros de longos anos de vida, sendo estes extensivos à sua querida esposa, Sr.^a D. Beatriz Cardoso Campelo e seus queridos filhos, já dedicados colaboradores e certos continuadores da reputada firma «Joaquim Miranda Campelo & Filhos, L.d.^a».

«Ad multos annos».

Falecimento—Após prolongado e doloroso sofrimento faleceu, na madrugada de 14 do mês findo, confortado com os sacramentos da Santa Igreja, o Sr. Augusto Alves da Silva, pedreiro, do lugar da Boucinha. O seu funeral, a cargo da «Casa J. Costa», desta localidade, realizou-se no dia seguinte para a Igreja Paroquial, onde foi rezada missa de corpo-presente, e daí para o cemitério paroquial. Como a viúva e filhos devido aos pesados encargos assumidos com o objectivo de salvarem o saudoso extinto ficassem nas mais precárias circunstâncias, algumas pessoas amigas, num gesto que aplaudimos incondicionalmente, promoveram um pedidório na freguesia com o fim de atenuar as dificuldades financeiras da desolada viúva e filhos, o qual rendeu cerca de 620\$00.

—Meia hora antes de se realizar o funeral a que atrás nos referimos, também foi a enterrar uma criança do sexo masculino, filha de Manuel Gomes de Araújo.

As famílias doridas, os nossos sentidos pêsames.

Residência Paroquial—O alvitre que fizemos na nossa última correspondência relativa ao estado ruinoso em que se encontra a residência paroquial desta freguesia e às medidas que nesse sentido deviam ser tomadas sem perda de tempo, parece que não provocaram qualquer agitação na população local e todos se mantêm alheios à questão aqui focada. Se por um lado nos parece que o que escrevemos é de todos conhecido, por outro lado demonstra-se que existe pouca coragem para meter ombros a um empreendimento que só à freguesia diz respeito e que, custe o que custar, tem de resolver-se, embora provisoriamente, isto é, reparando-se o actual edificio do melhor modo possível. Não é, caros amigos, com a frieza em que parecem ter caído as nossas palavras que se resolve coisa alguma. Nada de descrenças, porque tudo é possível, bastando para isso haver união e boa vontade de todos.

Em férias—Em gozo de bem merecidas férias passaram aqui algumas semanas, tendo já retomado as suas actividades, o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Manuel Campos da Silva, estimado funcionário do «Grande Hotel Duas Nações», em Lisboa, e o nosso também amigo, Fernando Alberto de Amorim, activo funcionário da Companhia Colonial de Navegação.

—Ainda em férias e acompanhado de sua esposa e filhinhos, encontra-se entre nós, na sua «Casa do Outeiro», o nosso particular amigo, Sr. Jaime Pereira de Miranda, conceituado industrial no Porto e prezado assinante do *Jornal de Barcelos*. A todos, desejamos as maiores felicidades e longos anos de vida.

A população escolar e a nova «Escola Industrial de Barcelos»

Com vista ao Sr. Presidente da Câmara—Graças aos esforços desenvolvidos pelas nossas autoridades Administrativas, nomeadamente pelo Sr. Presidente da Câmara, foi, finalmente, criada na nossa linda e querida cidade a há tantos anos ansiosamente esperada «Escola Técnica», obra que a cidade e o concelho de Barcelos agradecem reconhecidamente ao patriótico Governo do Estado Novo, dada a necessidade que existia de tal estabelecimento de ensino num concelho tão populoso e extenso como o nosso.

Da criação da «Escola Técnica», resultou o natural interesse de muitos chefes de Família na matrícula dos seus filhos nesse estabelecimento de ensino secundário.

De Silveiros e freguesias limítrofes, eram numerosos os pais que pretendiam (e pretendem, ainda, apesar de tudo) inscrever os seus

filhos, mas há um problema muito importante que se lhes apresenta de certo modo difícil de resolver:—o problema dos transportes para essa cidade a horas convenientes! E não deve ser só esta zona ao sul da cidade, pois os habitantes das freguesias ao norte da mesma devem sentir-se em igual dificuldade. É que sendo o horário normal de abertura das Escolas desse género às 9 horas e sendo precisamente às 9 h. e 1 m. que parte do apeadeiro que serve esta área (S. Miguel da Carreira) o comboio mais conveniente—o chamado comboio correio—só depois das 9 h. e 30 m. é que os alunos poderão estar na Escola. Há, efectivamente, um comboio antes, que parte do mesmo apeadeiro às 6 h. e 2 m., mas esse é demasiado cedo para os estudantes e seria um absurdo obrigá-los a seguirem nesse comboio, permanecendo, depois, em Barcelos, cerca de 3 horas à espera que abra a Escola. Esta situação agravar-se-ia durante os meses de inverno, como todos reconhecem.

Ora, atentas estas circunstâncias, tendo em vista facilitar tudo quanto possível a frequência à Escola em questão dos estudantes que vivem nas freguesias rurais deste concelho e, ainda, protegendo a integridade física desses rapazes e raparigas, homens e mulheres do futuro, entendemos por bem solicitar para o caso a esclarecida atenção do Sr. Dr. Luís Novais Machado para, de acordo com o futuro Sr. Director da nossa «Escola Técnica» exporem o problema bem claro ao illustre Ministro da Educação Nacional e este considerado membro do Governo estamos certos que aprovaria a abertura da nossa Escola Industrial às 10 horas e encerramento às 18. Com este horário de funcionamento, ficaríamos óptimamente servidos os estudantes das zonas norte e sul da cidade, aqueles com comboio de Barcelos por volta das 19 h. e 30 m. para Viana, parando em todas as estações e apeadeiros; os últimos, (os do sul) têm comboio a partir de Barcelos às 18 h. e 50 m. para o Porto, parando em todas as estações e apeadeiros até Nine. Assim, com tal alteração ao horário normal de abertura das aulas, proporciona-se aos estudantes o aproveitamento dos transportes ferroviários que, embora não sejam os mais cómodos são, indubitavelmente, os mais económicos, sendo essa a preocupação obrigatória para muita e boa gente, sobretudo das classes menos abastadas. Se o Sr. Presidente da nossa Municipalidade conseguir mais esse melhoramento que tanto virá beneficiar especialmente as populações servidas por caminho de ferro, ver-se-á realizada mais uma obra boa a juntar a tantas outras já levadas a efeito em prol do nosso concelho e, conseqüentemente, dos seus habitantes.

—Acaba de chegar ao nosso conhecimento que, por despacho do Sr. Subsecretário da Educação Nacional, foi prorrogado até 15 do corrente o prazo de inscrição para exame de admissão ao

APONTAMENTO

(Continuação da página 6)

tura fácil—transcender a superficialidade das aparências por mais que nos chamem—para viver a beleza da profundidade, o mistério da integração, a alegria da unidade.

Nós devemos saber compreender porque é que sempre a noite sucede ao dia e o dia sucede à noite. Não mais será inquietante a pergunta:—todos os ciclos existem apenas porque o homem os pensa?

Nós vivemos num mundo real. O mundo de cada um de nós também é real. O próprio sonho é real. Por isso, participamos de ciclos em que a nossa liberdade, para ser, há-de encontrar equilíbrio com a consciência da fatalidade. O destino é isso mesmo:—a história vivida da nossa liberdade. E o tribuno poderá exaltar-se de indignação ao reconhecer que os astros não são livres só porque têm uma órbita, mas a vida continuará!

Setembro existe entre o ardor fecundo do Verão e a languidez externa do Outono. Para muitos ele será, na verdade, um mês de meia estação. Mas não há nada mais estranho e anti-natural do que a filosofia prosaica da meia estação... que se define pelo pendor negativo; pelo contentamento da conformidade externa, pela preocupada nivelção do pormenor... Nada pior do que ignorar as diferenças para as não afirmar oportunamente—porque é com os pés na terra que operamos a transcensão na realidade do sonho, no caminho para Deus. E é no pormenor do caminho que nós encon-

ciclo de preparatórios da «Escola Comercial e Industrial de Barcelos». Esta notícia vai, certamente, causar alegria a alguns chefes de família, pois o prazo inicialmente estabelecido era muito exíguo.

Pedindo desculpa...—Por motivos bem alheios à nossa vontade, não nos foi possível fazer publicar no nosso jornal de 26 do mês passado a crónica que deveríamos ter escrito em 22 do mesmo mês.

...Aos nossos estimados leitores.

Agradecimento

Joaquim de Macedo Correia, profundamente sensibilizado com as inúmeras manifestações de apreço, recebidas de todas as pessoas amigas a quando do acidente de viação de que foi vítima em 19/8/57, e na impossibilidade de a cada uma agradecer pessoalmente, vem, por este meio, confessar o seu mais íntimo reconhecimento por tais provas de dedicação e amizade, continuando a oferecer a todos os seus insignificantes préstimos na sua casa de Manhente.

Manhente, 25 de Setembro de 1957.

Joaquim de Macedo Correia

Quinta da Cachada Vende-se

A 1 quilómetro de Barcelos, confrontando com a estrada nacional, tendo água encanada e luz eléctrica.

Ver e tratar na mesma.

Leia e propague

Jornal de Barcelos

tramos as revelações surpreendentes que iluminam o desejo, tal como num dia de Setembro em que a compreensão da paisagem nos traz a graça excedente da alegria.

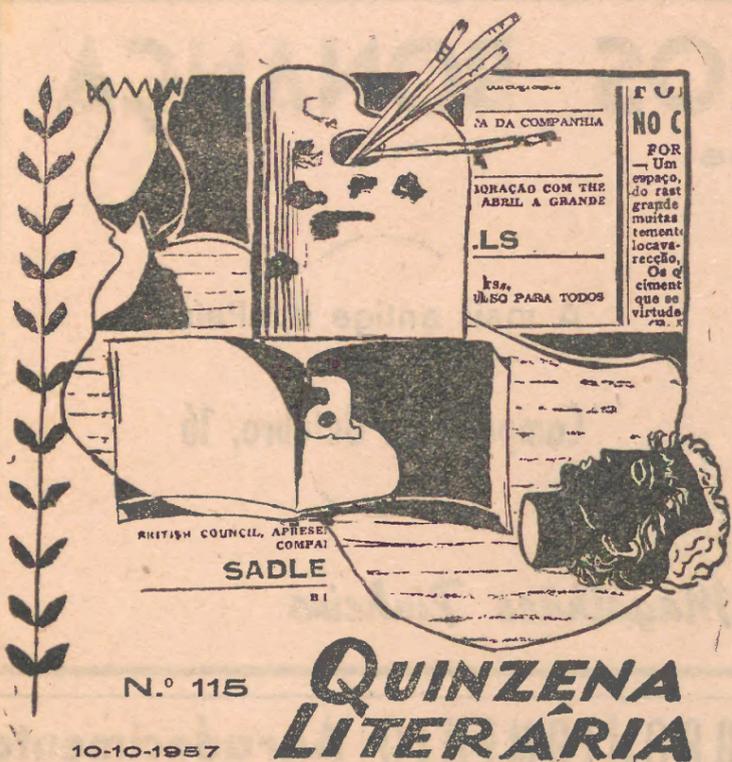
Setembro extingue-se neste dia cinzento e triste de recolhimento.

O pesadelo rarefez-se tantas vezes na leve e confortável presença do próximo, na descoberta do mundo!—e nada garante que não possa voltar.

Mas cada um de nós, na religiosidade e no mistério tranquilizado da sua vida íntima, guarda a recordação daquilo que só pode acontecer neste mês—e na saudade nasce a esperança!

H. R.

C. Porto, 30 de Setembro de 1957.



APONTAMENTO

SETEMBRO extingue-se neste dia cinzento e triste de recolhimento.

Na roda do ano passa mais um mês e com ele um pedaço mais da nossa vida. Nós somos os que ou desejamos ardentemente o futuro ou temos a saudade vaga do passado, na irreduzibilidade do presente, sem a consciência clara de que isso mesmo é namorar a morte indesejada. Porém, neste dia sereno que passa, talvez haja razão. Setembro é um mês diferente dos outros. Tem as suas feições inconfundíveis, o seu estado de alma singular.

Álvaro Ribeiro diz-nos que os escritores que ignorarem a caracterologia incorrerão no erro de conduzir as personagens para situações absurdas, falsas ou contraditórias. E não é Amiel quem nos diz que qualquer paisagem é um estado de alma e que, quem lê nos dois, fica maravilhado ao encontrar semelhanças em cada pormenor?

É assim também com este mês. Na verdade, o sentido profundo da paisagem abre-se para a arte. Os poetas, os pintores, os músicos, conhecem o segredo do espelho que a alma tem. Eles podem realizar a transcensão da fisionomia para o sentido profundo da paisagem. Mas todos nós o adivinhamos e compreendemos na sua ansiedade de mensagem, na sua atmosfera de mistério. O sentido da paisagem é o sentido da vida e compreendê-lo é viver mais perto de Deus.

Os meses não serão, então, apenas as divisões do ano. São ciclos que cumprem.

É assim também com a vida de cada um de nós.

Um mês pode retratar-se como a uma pessoa. Dependendo de nós abandonar a pin-

(Continua na página 5)

forças, crenças e confiantes na imparcialidade do Deus ultrajado, banidos desse reino do nada a onde seus pensamentos os havia conduzido, que daram-se no meio da existência cercados pelo silêncio das suas mudas expressões. Passaram a ser qualquer coisa. Fora do círculo onde qualquer coisa estava... Qualquer coisa existia.

Tais personagens, fictícios na sua estrutura, são exemplos vivos: reflexos do desequilíbrio mental operado na humanidade através da cultura moderna e progressiva. O Homem galga a passos gigantes pelo tapete desfranjado do sentimento humano, impulsionado por teorias que tendem mecanizar a matéria e o espírito. Assim, destruídos todos os elementos constituintes duma religião precisa, duma educação orientada na continuidade de sólidos princípios, os retalhos da vida presente jamais serão para os vindouros as páginas históricas de gloriosos passados.

LIVROS E REVISTAS

Comentários de A. Rocha Martins

MAIS RESPIGOS — de José A. Vermelho

Os serviços culturais da Casa do Povo de Almeirim acabam de editar um opúsculo sob o título "Mais Respigos" da autoria do escritor José A. Vermelho. São elementos preciosos para conhecer uma terra e o seu passado histórico que se prende com D. António Prior do Crato e toda essa época de agitação patriótica. Agradecemos o exemplar recebido.

RISOS E SORRISOS — de José Vieira

A Livraria Cruz de Braga é depositária dum livrinho intitulado "Risos e Sorrisos" da autoria do R. José Vieira.

Trata-se de uma colectânea de anedotas que ajudam o leitor a passar algumas horas de boa disposição.

A apresentação é bastante deficiente o que, no entanto, não anula o interesse da colectânea.

Felicitemos o Autor pela paciência e critério de selecção que adoptou.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE DATAS

Recebemos o 3.º e 4.º fascículos do Dicionário Enciclo-

pédico de Datas, publicação muito bem organizada e muito útil para todos os estudiosos. Estes dois fascículos relacionam-se com a História da Alemanha.

ITINERARIUM

Mais um número da importante revista de cultura "Itinerarium" foi posto à venda. Como de costume apresenta este fascículo preciosa colaboração e uma apresentação gráfica que muito honra a tipografia das Missões Franciscanas de Montariol.

E L A

Sob a criteriosa direcção de D. Maria Ermelinda dos Reis Gouveia e Borrelho começou a publicar-se uma interessante revista com o título "Ela" e que pelo seu conteúdo é de suma utilidade para as Senhoras.

O Sumário do 1.º número é o seguinte:

Bordados. Toalha alusiva ao natal, bordada a ponto de cruz. Desenho para dobra de lençol e almofada. Colcha para cama de criança. Motivos para bordar em capa de estudante.

Croché. Adereço para casa de jantar, constando de grande toalha de banquete e nape-rons condizentes.

«Ronda da História»

Os leitores que se interessem especialmente pelos assuntos nacionais têm no n.º 7 de "RONDA DA HISTÓRIA" agora publicado, ensejo de apreciar duas curiosas crónicas, uma sobre os antigos foros e costumes de Portugal e a outra acerca das Cerimónias das cortes Portuguesas.

Entre os artigos que "RONDA DA HISTÓRIA" apresenta neste número e que têm carácter internacional figura a biografia de Kosciuszko herói da Polónia, (cuja morte passou neste mês), Oráculos e Pitonisas, Lola Montez a bailarina aventureira que destronou um rei, Organizações secretas dos Balcãs, Edwiges rainha da Hungria, Isabel-Carlota da Baviera, o artigo de antropologia intitulado "O homem teria sido um gigante ou um anão?", A sombria torre de Nesle, Macau visto por um norte-americano, e alguns outros, além do habitual anedotário histórico e de pequenas notas elucidativas.

Hoje não se pára, não se observa, não se contempla: avança-se, olvida-se, esmaga-se. O triunfo, a fama, o ceptro máximo das ambições, o poder dominante de todos os poderes, é o objectivo único a alcançar. O desejo do QUERO, do POSSO e do MANDO, banuiu da superfície da terra o sentimento pelo BEM, pelo JUSTO, pelo SACRIFÍCIO.

Responsáveis? Processo contra a humanidade!...

Dentro do círculo, Rui e Mercia, ficaram como qualquer coisa: os restos duma luta sem fim, em busca dum princípio — ex-nihil.

Fora do círculo, qualquer coisa existia: a luta ávida e incerta pelo reino do nada.

Fora do tempo, a causa responsável e inatingível... O porto de abrigo das paixões acicatadas.

Tal como naquela noite fria de Inverno haviam escutado a tempestade desenfreada da sua louca paixão, Rui e Mercia assistiam agora ao lento desaparecimento do círculo que os prendia. Libertos, compreenderiam que o fim só seria atingido mediante a aceitação do seu viver dentro das possibilidades existentes, crenças na alvorada prometida. As suas dúvidas dissipar-se-iam acossadas "pelos ventos infatigáveis da razão." A cruz estaria entre eles. Ela lhes indicaria o caminho a seguir: «O vos homines qui transitis per viam, attendite...» Parai, homens e ouvi... Escutai, vós, que fugis acicatados pelo sofrimento... «Ego sum Veritas»... porque vos indiquei o caminho da verdade!

F I M

Barro-Loures

NO REINO DO NADA

Sequência de «UMA CAUSA!»

Por MIGUEL ALVES

«UM minuto depois... Mercia, ao entreabrir os olhos, tinha Rui à sua beira. Estendendo as mãos procurou as dele, que apertou... Entre elas, o crucifixo. Assim ficaram, em êxtase, unidos em Deus pelo amor.»

«Unidos em Deus pelo amor.» Já Balsac dizia: «o amor é a poesia dos sentidos.» Através dos tempos o amor tem sido rodeado das mais aturadas observações — sob todos os aspectos, sem que, qualquer delas, nos tenha apresentado a verdade única da sua concepção. No segredo sublime e inaproveitável de tal sentimento, quando na busca (quer especulativa quer científica) duma origem meramente casual, têm esbarrado as mais perficientes inteligências, sábia-mente conduzidas. As definições até hoje conhecidas, fruto de sedentas imaginações, são apenas expressões do amor que o Homem em vão procura. Pois não é o amor por tudo que o apaixonado e martiriza, por tudo que esconde a seus próprios olhos o recôndito da verdade, o elemento procurado? Tal divagação (e divagações) lembram-me a velha história do Homem que procurava o cavalo — acavalo.

Procurando-se a si próprio o Homem não encontrará o fim — mas um fim. Um fim para atingir a razão e não a verdade de si próprio — da sua finita existência. A verdade do único esconde-se algures... No reino do nada.

Levados na força poética dos sentidos apaixonados, Rui e Mercia, dois nomes representativos duma geração louca e desequilibrada, uniram suas vidas já açoitadas pelas rajadas implacáveis da anormalidade.

Obedientes absolutos e intransigentes duma força causada, não culpados da manifestação impetuosa e espontânea das suas almas inconfessadas, viriam a criar um elo que para sempre os agridiria a um destino cruel e vingativo.

A princípio, a chama ardorosa duma paixão impossível: depois, mais além... na curva imprevista da estrada a percorrer, o combate inevitável da incompatibilidade de ideologias.

Ela, vivendo ilusoriamente a verdade relativa de si própria. Ele, fugindo acicatado pela voz da consciência, pela incerteza da verdade dos seus raciocínios. Quando se olhavam, não se viam: procuravam-se... para além do muro intransponível dos seus "eus".

O tempo, a princípio limitado, limite aceite pelas suas mórbidas ideias, parecia-lhes agora isento das suas vidas: vidas vividas sem rumo, sem razão, sem finalidade, vogando no etéreo como partículas artificiais.

Ambos traíram: ambos haviam sido traídos. No mundo efémero dos seus pensamentos o fumo erguia-se da chama quase extinta da sua paixão. Todavia, unidos num só sentido e num só esforço, pretendiam atear essa tênue chama com pequenos fluxos de compreensão, emanados dos seus espíritos já doentios. Então, loucamente, apaixonadamente, distituídos de ideais e nus a seus próprios olhos, lançavam-se arrebatadamente de encontro às portas fechadas da felicidade! As suas preces e orações, agora reforçadas com o sentido único dum perdão salvador, entrecrocavam-se e confundiam-se na amálgama confusa dos seus pensamentos.

Reduzidos ao reconhecimento de quanto podiam as suas